



A DIVULGAÇÃO DA IMAGEM DE BOBBY FISCHER E O AUMENTO DO CONSUMO E DA PRÁTICA DO XADREZ: ALGUMAS APROXIMAÇÕES PRELIMINARES

Juliano de Souza

Licenciado em Educação Física
Especialista em Educação Especial - UNICENTRO

Fernando Augusto Starepravo

Aluno do programa de pós-graduação (doutorado) em Educação Física
CEPELS /DEF /UFPR.

RESUMO

Meu objetivo neste artigo é estabelecer algumas aproximações iniciais entre o processo de divulgação da imagem de Bobby Fischer e o aumento do consumo e da prática do xadrez. Tais aproximações e relações aqui contempladas não são arbitrárias. Pelo contrário, as fontes primárias e as literaturas de xadrez consultadas estão a orientar e me conduzir em tal direção. A fundamentação teórico-metodológica se delineará no sentido de suscitar uma discussão a partir das contribuições de Pierre Bourdieu, principalmente no que concerne ao desenvolvimento das noções de campo esportivo, campo jornalístico e suas intersecções.

ABSTRACT

My objective in this article is to establish some initial approximations between the process of spread of the image of Bobby Fischer and the increase of the consumption and of the practice of the chess. Such approximations and relations here contemplated are not arbitrary. On the contrary, the primary fountains and the literatures of chess consulted are orientating and to drive me in such a direction. The theoretical and methodological reasons outline is to raise a discussion from the contributions of Pierre Bourdieu, mainly concerning the development of concepts of field sports, journalistic field and its intersections.

Introdução

Robert James Fischer, ou apenas Bobby Fischer como se convencionou chamá-lo, foi certamente uma das principais figuras do xadrez mundial. Nasceu no dia 09 de março

de 1943 em Chicago nos Estados Unidos e faleceu no dia 17 de janeiro de 2008 na cidade de Reykjavik – capital da Islândia.

Filho de um suposto Gerard, Gerhard ou Gerhardt Fischer com Regina Wender – judia – foi criado apenas pela mãe, já que o pai abandonara a família quando Bobby tinha aproximadamente 02 anos de idade. Aos 06 anos sua mãe lhe deu seu primeiro tabuleiro de xadrez, no qual aprendeu a arte enxadrística com sua irmã mais velha Joan Fischer.¹

Seu desenvolvimento e performance nos tabuleiros fora surpreendente, tanto que superou as expectativas iniciais depositadas em sua pessoa: tinha 14 anos de idade quando conquistou seu primeiro título norte-americano e já aos 16 anos conseguiu a norma de Grande Mestre Internacional (GMI) – o posto mais elevado que os enxadristas almejam.²

Feitos inacreditáveis no mundo enxadrístico, quebra de recordes, vitórias em torneios internacionais, declarações polêmicas... Tudo isso foi bastante explorado pela imprensa norte-americana, o que ajudou a difundir a modalidade naquele país e, indiretamente, para outros países da América.

Entretanto, foi durante o confronto de 1972 que a imagem de Fischer ganhou conotação mundial. Em alguns países essas notícias vinculadas a sua pessoa, e que antes despertavam o interesse apenas de entusiastas e simpatizantes da modalidade, transcenderam ao contexto enxadrístico e puderam penetrar nas mais diversas casas pelos canais de televisão, rádio, jornais e revistas. Neste momento, o xadrez havia deixado de ser coisa somente de enxadrista e se tornou um assunto, ou melhor, “um consumo esportivo” das pessoas em geral e uma “prática esportiva” em potencial crescimento.

Para fins de contextualização, destaco que o mundial de 1972 foi realizado em Reykjavik, entre as datas de 11 de julho a 1º de setembro. Nesta oportunidade, e sobre o palco da Guerra Fria, se puseram diante do tabuleiro dois enxadristas prestes a contracenar, num universo menor, o embate construído entre soviéticos e norte-americanos. De um lado e representando a URSS, se situava então Boris Vasilievich Spassky – detentor do último título mundial disputado em 1969. De outro e defendendo a bandeira dos EUA, Robert James Fischer – desafiante do *match*.

O confronto terminou com a vitória de Fischer por 12,5-8,5 colocando fim a uma hegemonia soviética de 24 anos.³ Essa série de 21 partidas realizadas entre os dois jogadores em 1972 foi divulgada e ficou conhecida como o “*match* do século”. Para o xadrez, este foi um momento de reconhecimento e propagação. Embalado no ritmo ditado pela final do mundial de 1972 e pela imagem vitoriosa de Bobby Fischer, a modalidade experimentou uma popularização jamais vista.

¹ Bobby Fischer, Troubled Genius of Chess, Dies at 64. *The New York Times*, Nova York, p. 02, 19 Jan. 2008. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2008/01/19/crosswords/chess/19fisher.html?Sitescp=2&sq=bobby+fischer&st=nyt>>acesso em 13 de mai. 2008.

² KASPAROV, G. *Meus grandes predecessores, Vol.: 4: Uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez*. Tradução de Giovanni P. Vescovi. 1. ed. Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis, 2006.

³ As três vidas de Bobby Fischer. *Época*, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81205-9293-505,00AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>>acesso em 11 de maio de 2008.

Meu objetivo neste artigo é tecer algumas considerações preliminares sobre a relação existente entre a divulgação da imagem de Bobby Fischer e o aumento do consumo e da prática do xadrez. Para tanto, tenho como ponto de partida o corpo de informações condensadas nas literaturas específicas do xadrez e que corroboram ao meu escopo de reflexão. Ainda me atenho a determinadas reportagens, e imagens resgatadas em sites da internet e que ilustram as proposições sugeridas. A fundamentação teórico-metodológica se delineará no sentido de suscitar uma discussão a partir das contribuições de Pierre Bourdieu, principalmente no que concerne ao desenvolvimento das noções de campo esportivo, campo jornalístico e suas intersecções.

O xadrez e o modelo sociológico dos campos – breves apontamentos

Para os propósitos deste artigo, parto da concepção de xadrez enquanto esporte. E isso por ser a definição que vem se delineando com mais força na sociedade, além do fato do xadrez enquanto instituição possuir características estruturais e administrativas homólogas as demais modalidades esportivas. Nesse sentido, se torna importante frisar que a FIDE – Fédération Internationale Des Échecs – fundada em 1924 é uma das mais dinâmicas organizações esportivas do mundo com 161 países filiados.⁴ Além disso, a FIDE também está filiada ao COI (Comitê Olímpico Internacional) e o xadrez se encontra na lista dos esportes em via de reconhecimento.⁵

Ao seguir esta linha de entendimento que preconiza o xadrez enquanto esporte foi possível aproximá-lo ao campo relativamente autônomo das práticas esportivas, sugerido em Bourdieu.⁶ Em “Como é possível ser Esportivo?” e “Programa para uma Sociologia do Esporte”, Bourdieu fundamenta uma perspectiva de leitura para o esporte moderno.⁷ Nestes textos o sociólogo, estende a sua teoria dos campos para subsidiar a análise dos consumos e das práticas esportivas. Além disso, defende a idéia de que o esporte oferecido aos agentes sobre a forma de práticas e consumos é destinado a encontrar certa demanda social.

A partir de Bourdieu, pode-se entender por demanda da prática de esportes o ato dos agentes estarem jogando futebol, lutando boxe ou, por sua vez, disputando uma partida de xadrez, dentre outras possibilidades. Já o consumo esportivo, se evidencia quando os agentes estão acompanhando uma partida de futebol pelo rádio, ou compram uma camiseta do time que torcem, ou ainda quando crianças e adolescentes descobrem ídolos esportivos através da televisão, revistas e, atualmente, pela internet.

Ao pensar nas formas como se apresentam os consumos e as práticas esportivas Bourdieu procura estabelecer relação imediata com as posições sociais. Segundo o sociólogo, na medida em que se desce na hierarquia social a probabilidade de um agente praticar esporte depois da adolescência, isto é quando adulto ou idoso, diminui nitidamente. Já quanto à possibilidade de assistir aos espetáculos esportivos mais

⁴ Site <<http://www.fide.com/fide/fide-history>> acesso em 15 de maio de 2008.

⁵ Site <http://www.olympic.org/uk/sports/recognized/index_uk.asp> acesso em 15 de maio de 2008.

⁶ Ver: BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 136-153, e BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 207-220.

⁷ GEBARA, A. “Esportes: Cem anos de História”. In: III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. *Coletânea*. Curitiba: UFPR, 1995, pp. 126-133.

populares, essa decresce na medida em que os agentes sobem na hierarquia social.⁸ Conforme Bourdieu:

Os lucros distintivos são dobrados quando a distinção entre as práticas distintas e distintivas, como os esportes “chiques”, e as práticas que se tornaram “vulgares”, devido à divulgação de vários esportes originalmente reservados à “elite”, como o futebol (...) é acrescida da oposição, mais marcada ainda, entre a prática do esporte e o simples consumo de espetáculos esportivos.⁹

Percebe-se então a formação de um campo esportivo substanciado pela tônica da dicotomia entre esporte-prática e esporte-espetáculo; entre esporte de elite e esporte de massa. Outras oposições também se vinculam a este campo, como as que seguem reiteradas: amadorismo contra o profissionalismo, esporte de lazer versus esporte de competição; esportes de contato direto e esportes à distância; esportes que requerem de maior atividade intelectual e menor dispêndio físico versus esportes que solicitam de maior uso da força e de uma menor capacidade de reflexão, e os exemplos se multiplicam.

Bourdieu entende o campo esportivo como um lugar de disputas pela definição legítima da prática esportiva e das funções legítimas das atividades esportivas. E isso não simplesmente pelas oposições já mencionadas que implicam na composição de um campo de forças, mas pelo fato de que também ocorrem lutas pela legitimação do corpo e dos usos que se pode fazer dele nos esportes; há lutas entre treinadores, jogadores, torcidas, comerciantes de bens e serviços esportivos etc.

Dessa forma, a constituição de um campo esportivo se caracteriza pelos conflitos, tensões e oposições manifestas em seu interior. Todavia, outras particularidades se apresentam pertinentes à formação e caracterização desse campo, tais como a existência de um complexo sistema de instituições e agentes predispostos a manter e gerenciar as práticas esportivas, sem falar, dos serviços que se correlacionam direta ou indiretamente ao setor e a indústria do esporte.

No interior deste campo evidenciado se situam as mais diversas modalidades, como o futebol, o voleibol, o tênis, ou o próprio xadrez. Essas modalidades podem ser encaradas como sub-campos que, conseqüentemente, são necessários ao entendimento do campo em que estão previamente inseridos. Percebo o xadrez como um sub-campo do campo esportivo e que só pode ser compreendido a fundo a partir do momento em que se reconhece a posição que ele ocupa em relação aos demais esportes e, quando finalmente, é correlacionado com o espaço das posições sociais que se manifestam nele e no próprio campo que está vinculado.

Quando delimita o campo esportivo como um *locus* de análise, Bourdieu lhe imprime a qualidade de campo relativamente autônomo, o que logo implica uma relativa dependência. Segundo Bourdieu: “A autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado (...)”.¹⁰ Em outra oportunidade o sociólogo comenta: “Há boas razões para se tratar

⁸ BOURDIEU, 1983, p. 143.

⁹ Ibidem, p. 143.

¹⁰ BOURDIEU, 1983, p. 140.

as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele”.¹¹

Essas colocações de Bourdieu se demonstram muito adequadas para pensar as relações entre a oferta do xadrez viabilizada através da figura de Bobby Fischer e do chamado “*match* do século” com o aumento do consumo e da prática enxadrística. Para tanto, é necessário entender “Bobby Fischer” e o “*match* do século”, não como produções limitadas ao universo enxadrístico, mas que ao invés transcendem fronteiras e são apropriados e re-significados por outros campos sociais como o jornalístico, por exemplo.

A propósito, a delimitação do campo jornalístico foi problematizada por Bourdieu em “Sobre a Televisão”.¹² Neste trabalho, o sociólogo dirige seu foco para os meios de comunicação, em especial, a imprensa escrita e televisionada. Conforme o autor, o campo jornalístico é caracterizado pela extrema dependência que possui das forças externas do mercado ou então de outros campos. Mais um aspecto a ser considerado é a capacidade de o campo jornalístico gerar conseqüências nesses mesmos campos que depende, “(...) afetando o que aí se faz e o que aí se produz e exercendo efeitos muito semelhantes nesses universos fenomenicamente muito diferentes”.¹³

Pode-se entrever, dessa maneira, uma interdependência entre o campo esportivo e o campo jornalístico na medida em que as notícias e imagens divulgadas, por exemplo, pelo jornalismo esportivo se devem a ações de influência mútua exercidas entre os dois campos e os respectivos agentes. A partir dessas pressuposições é que procuro pensar o imbricamento entre a divulgação da imagem de Bobby Fischer e a constituição do xadrez enquanto oferta – algo que durante os anos de 1970 passou a ser consumido e praticado com mais intensidade nos Estados Unidos e em outros países do continente americano.

A imagem de Fischer e sua contribuição para o xadrez

A aproximação que procuro estabelecer neste artigo entre a construção de uma imagem e o aumento da demanda do xadrez não é arbitrária. E isso não simplesmente por recorrer a uma base teórica solidificada que fornece um instrumental teórico compatível com o tema introduzido, mas principalmente pelo fato das fontes primárias e das literaturas enxadrísticas estarem me orientando e conduzindo em tal direção.

Com relação às fontes primárias recorridas, vale ressaltar que elas são conseqüências do trabalho de produtores culturais do campo jornalístico, os quais se beneficiaram do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972 e de Bobby Fischer, transformando respectivamente a decisão do mundial em “*match* do século” e o referido enxadrista em uma imagem rentável, mercantil e propícia para o uso político-ideológico. Já as literaturas enxadrísticas que me ative, foram produzidas por agentes vinculados ao sub-campo do xadrez, como é o caso de Garry Kasparov e Pablo Morán, ambos com publicações que contemplam a vida de Bobby Fischer e o “*match* do século”.

A construção da imagem de Bobby Fischer no interior do campo jornalístico não se tratou de um processo homogêneo. Mais especificamente, algumas facetas deram conta de caracterizar o jogador durante seus 64 anos de existência. Isso se deve tanto pela sua história de vida quanto pelas apropriações que o campo jornalístico fez das aparições do

¹¹ BOURDIEU, 1990, p. 210.

¹² BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

¹³ *Ibidem*, p. 101.

enxadrista no sub-campo do xadrez e em outros espaços sociais. Ao publicar uma reportagem em 19 de janeiro de 2008, dois dias após o falecimento de Fischer, a revista *Época* enfatiza:

Para que os mais novos compreendam a importância de Bobby Fischer para o xadrez e para o esporte em geral (...), é preciso dividir sua trajetória em três fases: a do menino-prodígio campeão adulto dos Estados Unidos aos 14 anos; a do símbolo do combate americano contra a União Soviética; e por fim, a do desequilibrado mental cujos últimos anos de vida foram uma sucessão de incidentes patéticos.¹⁴

Importante evocar aqui, o poder vinculado ao campo jornalístico e aos produtores culturais que aí se movimentam. Poder esse, que Bourdieu entende tanto pela ótica da consagração quanto pela ótica do estigma.¹⁵ Isso se aplica, com relação ao campo jornalístico, na medida em que os símbolos, as imagens, os textos e os discursos disseminados por agentes autorizados encontram cumplicidade, exercendo desta forma algumas funções sociais seja a de integrar ou dissociar, incluir ou excluir, consagrar ou arruinar as pessoas.

No caso de Bobby Fischer, tanto o poder de consagração quanto o poder de destruição foram investidos em sua imagem. Reportagens, matérias e propagandas, num determinado momento, lhe projetaram como um “*pop star*”, e em outro como um vilão. Essa primeira fase que entendo como positiva, se deu quando Fischer aos 14 anos de idade despontou como campeão de xadrez adulto dos Estados Unidos e, particularmente, quando apresentou condições de se tornar campeão mundial – um processo que segundo Kasparov¹⁶ vinha se amadurecendo desde os anos 1960 e se consolidou em 1972. A segunda fase que chamo de negativa, teve como ponto nostálgico e decisivo a reedição do “*match do século*” em 1992 na Yugoslávia do ditador Slobodan Milosevic. Fischer foi proibido de jogar pelo governo norte-americano sob a “ameaça de ser condenado à prisão e pagar uma multa quando retornasse ao país”.¹⁷

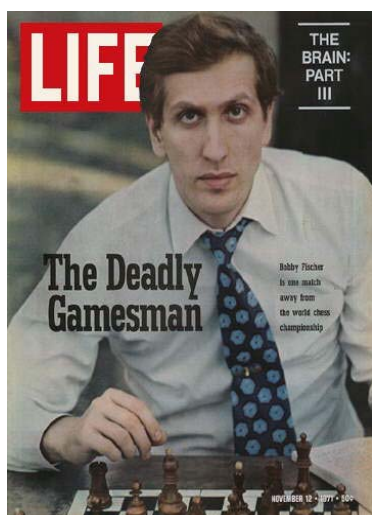
Avançando a discussão me aterei à fase positiva da imagem de Bobby Fischer, prioritariamente, aquela que veio a tona com o mundial de 1972. A propósito e durante esse período, a imagem de Fisher transitou com uma intensidade considerável pelos principais jornais, revistas e canais de TV norte-americanos e do mundo. Não se pode esquecer ainda, que por intermédio da televisão o mundial foi transmitido e propagado para vários países. A fim de ilustrar algumas apropriações feitas especificamente pelo jornalismo norte-americano impresso, recorro às imagens de Fischer apresentadas na capa das revistas *Life*, *Newsweek* e *Time*, conforme segue:

¹⁴ As três vidas de Bobby Fischer. *Época*, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008...

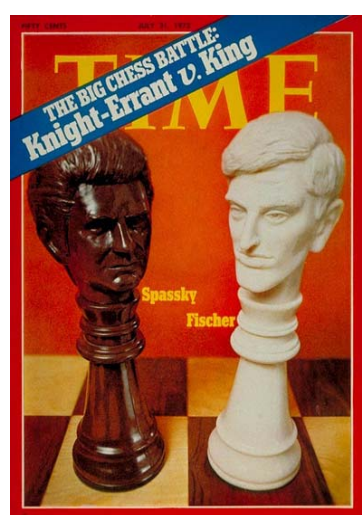
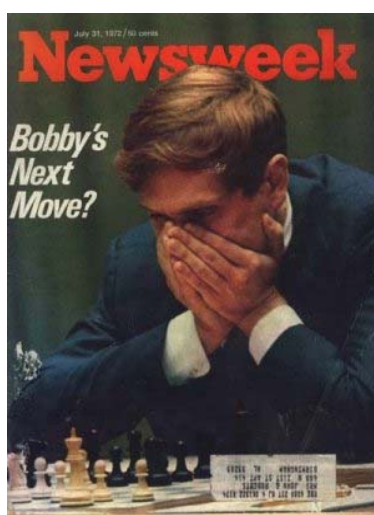
¹⁵ Ver: BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

¹⁶ KASPAROV, 2006.

¹⁷ O herói (e o pária) do xadrez. *Veja*, São Paulo, p. 69, 23 jan. 2008.



18



19

20

A imagem de Fischer apresentada na edição da revista *Life* de 12 de novembro de 1971, como se pode ver vem acompanhada dos seguintes comentários: “O cérebro: parte III” e “O homem-jogo mortal”. A edição da revista *Newsweek* publicada em 31 de julho de 1972, quando Fischer jogava o mundial com Spassky e já assumira a frente no *match*, acrescentou a seguinte pergunta junto à capa: “O próximo movimento de Bobby?”. Já a edição da revista *Times* de 31 de julho de 1972, apresentou não somente a imagem de Fischer, mas também a de Spassky. Possivelmente ambos estavam sobre o tabuleiro jogando o xadrez social da Guerra Fria! Note-se a mensagem que se situa na faixa azul: “A grande batalha de xadrez: Cavaleiro errante v. Rei”.

Ao observar cuidadosamente cada uma das três capas, torna-se possível suspeitar de uma tentativa de utilização ideológica da imagem de Bobby Fischer durante a Guerra Fria. Na capa da revista *Time* esse uso está mais explícito, e se verifica na medida em que se percebe que Boris Spassky foi ilustrado na cor preta (o que no xadrez significa aquele que joga depois), com uma expressão carrancuda e com o rótulo de cavaleiro errante. Já na capa da revista *Life* e *Newsweek*, se introduz a imagem de Bobby Fischer enquanto um intelectual – um americano muito inteligente e segundo o que atualmente se divulga, “com um Q.I. de 184 e correspondente ao de Albert Einstein”.²¹

Contudo, é importante pensar a imagem de Bobby Fischer não como sendo um produto idealizado para exercer esse papel político-ideológico. De outra forma, as pretensões político-ideológicas resultantes do uso da imagem do enxadrista se tratam de

¹⁸ Site <https://www.originallifemagazines.com/searchmagazine_view.php?id=1226> acesso em 19 de maio de 2008

¹⁹ Site <<http://www.fpx.com.br/mostracol.asp?colid=132>> acesso em 19 de maio de 2008.

²⁰ Site <<http://timesonline.typepad.com/comment/2008/01/bobby-fischer.html>> acesso em 19 de maio de 2008.

²¹ Morre o genial Bobby Fischer. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 jan. 2008. Disponível em <www.estado.com.br/editorias/2008/01/19/esp-1.93.6.20080119.21.1.xml> acesso em 14 de maio de 2008.

uma conseqüência da aproximação entre o campo político e o campo jornalístico, carecendo de reflexões futuras para se tecer considerações mais precisas.

Outra particularidade dessas imagens comercializadas por cada uma dessas revistas mencionadas se trata do fato delas aludirem não simplesmente ao enxadrista Bobby Fischer, mas ao xadrez enquanto uma oferta. Observe-se, nesse sentido, que nas três capas o tabuleiro e as peças se fazem presentes tornando as respectivas revistas num próprio produto enxadrístico a ser consumido. Tais imagens elucidam ainda o quão rentável se tornou para o campo jornalístico – vencido direto ou indiretamente pelas forças externas – explorar acontecimentos do universo esportivo, neste caso, o “*match* do século” e seus protagonistas.

Quanto ao aumento da circulação da imagem de Fischer nos meios de comunicação, isso se justifica pelo fato de que nesse campo também se predomina a lógica da concorrência. Assim, o campo jornalístico se caracteriza como um espaço onde o confronto de forças é posto em jogo: Qual revista dará o melhor enfoque de tal assunto? Que canal de TV transmitirá o “*match* do século” com mais qualidade? Que jornal trará a melhor imagem estampada? E as situações são inúmeras.

Infere-se assim, que o desenvolvimento do capitalismo na sociedade norte-americana, e em outras, contribuiu para que a lógica mercantil se infiltrasse nos mais diversos campos sociais, inclusive o jornalístico. Deste modo, pensar que a freqüência de divulgação da imagem de Fischer nos meios de comunicação tenha se restringido apenas aos interesses políticos e ideológicos norte-americanos se trata de uma postura reducionista, ou o que é mais grave, de uma abordagem que subestima a capacidade de resistência dos agentes.

Mas independentemente de qual ângulo tente se explicar a crescente divulgação da imagem de Bobby Fischer tanto pela mídia impressa quanto pela televisionada, uma conseqüência com maior nitidez se evidencia: essa imagem que alcançou o topo durante o “*match* do século” foi uma ferramenta importante para a difusão e popularização do xadrez nos Estados Unidos e em outros países. Alguns indicativos dessa contribuição são fornecidos pelo enxadrista Pablo Morán, num trecho de seu livro publicado um mês depois de acabar o mundial:

“Bobby” Fischer ha hecho por el ajedrez más que todos los campeones del mundo juntos, pues ha logrado que el juego se popularice de forma jamás soñada.

Durante el “*match*” con Spassky acaparó la atención de la prensa mundial y del gran público. Se puso de moda en todas partes y en los Estados Unidos una fábrica de piezas de ajedrez tuvo que trabajar las 24 horas, ya que se veía imposibilitada para atender los pedidos; una canción “La balada de “Bobby” Fischer”, la emitían cientos de emisoras...

En todo el mundo se vendieron más libros de ajedrez en un mes que en otras ocasiones durante un año, y en la mayor parte de las ciudades, se agotaron.

Gentes que jamás habían hablar del ajedrez aprendieron a mover las piezas; el resultado de las partidas, así como los movimientos, se esperaban con ansiedad, y en todos los círculos, en todos los cafés, se veía a gentes reproduciendo y discutiendo con calor las partidas. En Paris, el ajedrez se puso de moda hasta en las “boites” donde los jóvenes alternaron los bailes con el mundo mágico de las sesenta y cuatro casillas.

En Bogotá grandes tableros murales instalados en plazas públicas, permitían a los aficionados seguir las incidencias del juego, mientras se cruzaban importantes y singulares apuestas; y nada digamos de los países, como Rusia, donde ya el ajedrez era un espectáculo de masas.

La semilla está sembrada en todos los países de la tierra, y con Fischer un nuevo capítulo se abre en el mundo del ajedrez, y con su victoria se beneficiaran todos los ajedrecistas que, ignorados hasta a hora, comenzarán a tener cierta popularidad.²²

O jornalista português João Cordovil em reportagem para o *Diário Popular* de Portugal – resultado da cobertura que ele próprio fez do *match* de 1972 em Reykjavik – também corrobora:

Reproduzimos hoje dois telegramas significativos: o primeiro veio de São Francisco da Califórnia, onde o Mestre Internacional Koltanowski, falando sobre uma verdadeira explosão de entusiasmo por este jogo, disse que a Federação Norte-Americana admitiu, nos últimos três meses, cinquenta mil novos filiados. E acrescentando: “Tudo isso devido a “Bobby” Fischer. Quer queiram quer não, ele fez aumentar o interesse pelo xadrez nos Estados- Unidos”.

O segundo veio da Itália (Bagnacavallo) e falava de uma professora de matemática, Cinzia Ponzi, que se propunha apresentar uma nova disciplina, e disse: “O primeiro ponto de contato entre as ciências é o xadrez. Quero que os meus alunos aprendam que pensar não é apenas acadêmico e abstrato. O xadrez ajudá-los-á a aprender”.²³

Já Garry Kasparov – talvez o mais completo jogador de xadrez da história – ao se referir a pessoa de Bobby Fischer, o define como um revolucionista, alguém que através de seu forte jogo e de sua imagem projetada pela ação da mídia contribuiu para a disseminação da prática enxadrística:

Ele mudou o jogo de uma maneira que não se vê desde o passado século XIX. Quando Bobby subiu ao topo do xadrez mundial no início dos anos 70, ele era um vinho fino em vaso defeituoso. Suas contribuições para a modalidade, tanto no tabuleiro quanto em uma perspectiva comercial, não foram menos que uma revolução no xadrez mundial.²⁴

Ambos os textos citados reforçam o argumento de que a divulgação da imagem de Bobby Fischer no contexto do “*match* do século” exerceu efeitos na oferta e na demanda do xadrez em determinados países, com notoriedade para os Estados Unidos é lógico, e para as nações do continente americano. Na medida em que Fischer foi projetado o xadrez obteve uma maior repercussão social, despertando o interesse da população pela modalidade e aumentando assim sua prática. Por sua, vez esse possível remanejamento numérico da prática do xadrez aludido pelas fontes pode ser considerado uma das implicações que o campo jornalístico exerceu no sub-campo do xadrez e no campo esportivo como um todo.

A guisa de fechamento, é importante frisar que a gama de imagens, notícias, reportagens e entrevistas produzidas em torno de Bobby Fischer e do “*match* do século” não foram esgotadas nesse artigo. Deste modo, as considerações aqui tecidas adquirem um caráter de preliminaridade e serão retomadas com um maior aprofundamento nas fontes e perspectivas teóricas em oportunidades futuras. Confesso ainda, meu anseio em resgatar a

²² MORÁN, P. “Bobby” Fischer: su vida y partidas. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1972, p.

81.

²³ CORDOVIL, J. *Diário Popular*, 15/08/1972, p. 265. In: TRIFUNOVICTH, P. *Fischer – Spassky - Pelo ceptro do xadrez*. Lisboa: Editora Presença, 1973.

²⁴ KASPAROV, 2004, p. 09. In: KASPAROV, G. O valor de Fischer. In: *Revista Xadrez!* Ano II, n. 7, ago. /set. 2004.

modalidade de xadrez enquanto escopo de reflexão, uma prática boa não somente para pensar durante o momento do jogo, mas também para pensar e refletir historicamente e sociologicamente.

Referências

- As três vidas de Bobby Fischer. **Época**, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81205-9293-505,00-AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> acesso em 11 de maio de 2008.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 136-153.
- BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 207-220.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- Bobby Fischer, Troubled Genius of Chess, Dies at 64. **The New York Times**, Nova York, p. 02, 19 Jan. 2008. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2008/01/19/crosswords//chess/19fischer.htm?pagewanted=1&sq=bobby%20fischer%20&st=nyt&scp=2>> acesso em 13 de mai. 2008.
- CORDOVIL, J. Diário Popular (Cobertura do mundial de xadrez de 1972). In: TRIFUNOVICHTH, P. **Fischer – Spassky - Pelo ceptro do xadrez**. Lisboa: Editora Presença, 1973.
- GEBARA, A. “Esportes: Cem anos de História”. In: III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. **Coletânea**, 1995, v. 1, pp. 126-133, Curitiba.
- KASPAROV, G. O valor de Fischer. In: **Revista Xadrez!** ano II, n. 7, ago. /set. 2004.
- KASPAROV, G. **Meus grandes predecessores 4: Uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez**. Tradução de Giovanni P. Vescovi. 1. ed. Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis, 2006.
- MORÁN, P. “**Bobby**” **Fischer: su vida y partidas**. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1972.
- Morre o genial Bobby Fischer. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 jan. 2008. Disponível em <www.estado.com.br/editorias/2008/01/19/esp-1.93.6.20080119.21.1.xml> acesso em 14 de maio de 2008.
- O herói (e o pária) do xadrez. **Veja**, São Paulo, p. 69, 23 jan. 2008.
- Site** <<http://www.fide.com/fide/fide-history>> acesso em 15 de maio de 2008.
- Site** <<http://www.fpx.com.br/mostracol.asp?colid=132>> acesso em 19 de maio de 2008.
- Site** <http://www.olympic.org/uk/sports/recognized/index_uk.asp> acesso em 15 de maio de 2008.
- Site** <https://www.originallifemagazines.com/searchmagazine_view.php?id=1226> acesso em 19 de maio de 2008
- Site** <<http://timesonline.typepad.com/comment/2008/01/bobby-fischer.html>> acesso em 19 de maio de 2008.